

4 - JOSÉ MURILO MARTINS

CADEIRA Nº 4
PATRONO: ANTÔNIO BEZERRA

JOSÉ MURILO MARTINS

JOSÉ MURILO de Carvalho MARTINS, filho do fundador da UFC, Antônio Martins Filho e de Maria de Carvalho Martins, nasceu em Caxias, no Maranhão, no dia 31 de março de 1929. Fez os cursos primário e ginasial no Ginásio Lourenço Filho, de Fortaleza; o curso científico também em Fortaleza, no Colégio Cearense e, no Rio de Janeiro, no Colégio Andrews. Também na então Capital Federal ingressou na Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, diplomando-se em 1953. Cursou Residência em Clínica Médica e Hematologia na Universidade de Kansas, nos Estados Unidos. Professor Titular da UFC. Professor da Universidade de Miami e membro do Miami Blood Center. É ainda Diretor e Presidente da Equipe de Fundação e Estruturação dos Hemocentros do Ceará (Hemoce Fortaleza, Sobral, Crato e Iguatu). Representante do Nordeste na Divisão Nacional de Sangue do Ministério da Saúde, em 1987 e 88; representante brasileiro na Sociedade Internacional de Hematologia e Membro da Academia Cearense de Medicina. É portador da Medalha do Mérito Científico, da UFC, da Medalha Jurandir Picanço, também da UFC, e da Medalha Cidade de Fortaleza (Boticário Ferreira), da Câmara Municipal de Fortaleza. Obras publicadas: ***A Hipocoagulabilidade Sanguínea nas Leucemias Crônicas*** *(1960),* ***English for the Foreign Physician*** *(1960), com outras edições em 1963, 68, 70 e 74;* ***Uma Realidade: Centro de Hematologia e Hemoterapia do Ceará - HEMOCE*** *(1979),* ***Um Tiquim do Ceará*** *(1989),* ***O Medico Antônio Jucá*** *(1990) e* ***Medicina meu Amor*** *(1991), de contos e crônicas. É autor de trabalhos em obras coletivas, como* ***Hematologia*** *(1984), organizada por H. M. Marinho e editada em São Paulo e* ***Isto não se Aprende na Escola*** *(1982), do Centro Médico Cearense, em que é autor do estudo "Sangue que te Quero Rubro". Já publicou cerca de sessenta trabalhos de pesquisa em revistas especializadas do Brasil e do Exterior, destacando-se*

dentre estes o estudo "Leukemia in Fish", que é a primeira descrição de leucemia em peixes. Foi o fundador da ***Revista de Medicina da UFC*** *e seu editor durante vinte e cinco anos. Newton Gonçalves, médico de renome e também membro da Academia Cearense de Letras, falando do livro* ***Medicina meu Amor,*** *publicado mais de trinta anos depois do primeiro trabalho científico de José Murilo Martins, observa que, voltado inteiramente para a clínica, a pesquisa e o magistério, o autor "tinha pudores da literatura, sempre recalcada pela rigorosa disciplina científica de sua formação acadêmica". E atribui a isso possivelmente o fato de demorar "o aparecimento do* ***conteur*** *espirituoso, capaz de tirar do árduo cotidiano profissional lições simples e criativas, para a educação integral e melhoria das realações médico-paciente". E Josué Montello, da Academia Brasileira de Letras, assim se dirigiu ao autor: "Aqui está seu belo livro. Gratíssimo. E como a experiência acumulada é a melhor substancia de nossos escritos, a sua, além de ser profissão-é inspiração, (...) Valeu a oportunidade para conhecer o escritor pois que do médico eu tinha as melhores notícias universitárias."*

DISCORDO DO COLEGA

Mauro tirou o cigarro do bolso, acendeu-o e deu uma profunda baforada. Esticou os pés apoiando-os num pequeno tamborete e refestelou-se na sua cadeira de balanço. Ficou pensativo e, com os olhos perdidos no espaço, disse baixinho:

— A lua está bonita! Parece que vamos ter uma noite calma.

O velho médico deu uma olhada rápida para cima e respondeu num tom filosófico:

— Com esses anos de trabalho no interior, uma coisa aprendi: só digo que uma noite foi calma quando me levanto pela manhã. Eu penso exatamente o contrário, essa quietude, essa aragem fria, me dão uma estranha preocupação...

— Mau pressentimento?

— Calejado pelos anos.

Mauro moveu-se na cadeira e resolveu puxar conversa com o pai:

— Há quanto tempo o senhor está clinicando nesta zona?

— Desde a formatura em dezoito; já se vão trinta anos bem contados.

— Nunca entendi o que o trouxe aqui: interior por interior, poderia ter ficado em Codó. Ribeirinha naquela época deveria ser o fim do mundo.

— E era. — respondeu o velho coçando a cabeça — São dessas loucuras da juventude. Vi um ponto no mapa e decidi: é aqui que vou fazer meu pé de meia. Queria voltar para o Rio, mas acabei criando raízes e fiquei preso à terra.

— E a política?

— Fui tentado uma vez, mas gosto mesmo é de Medicina.

— Não se sentia sozinho?

— O pior do interior é o isolamento intelectual. No início, tinha somente o dono da farmácia para conversar. As coisas melhoraram muito nestes últimos anos, principalmente depois da guerra. Esses remédios novos, a gente aprende com as bulas e também com os propagandistas que, às vezes, param aqui.

— Pensava que eu não voltava mais?

— Dava para desconfiar: dois anos de pré, seis de Medicina e, depois você inventou mais seis meses desse tal estágio...

— Pro-Mater e cirurgia. Trabalhar no interior a gente tem que fazer de tudo.

* * *

Eram dez horas da noite quando a conversa dos dois médicos foi interrompida pelos passos de um senhor de meia idade, compleição atlética, face rude e pele queimada pelo sol.

— Severino, o que houve?

— É Zequinha, meu caçula: tá com febre há vários dias. Hoje piorou e a comadre pediu para o doutor ir vê-lo.

Os dois médicos e o sertanejo subiram no jipe e dirigiram-se para o Sítio da Porteira Quebrada, nos arredores da cidade. A casa de Severino feita de taipa, com o chão batido, frio e úmido, refletia a pobreza da região. A luz de uma lamparina iluminava fracamente o ambiente.

— Olá, dona Maria! — disse o velho médico, entrando na casa e se pondo à vontade — Trouxe meu filho Mauro, que agora é médico e veio me ajudar.

Mauro adiantou-se, puxou o tamborete e sentou-se perto do doentinho. Perguntou:

— O que há com Zequinha?

— Tá com febre.

— Há quanto tempo?

— Uns poucos de dias.

— Muito alta?

— Não parece: sempre foi baixinha.

— Por que ficou preocupada esta noite?

— Estou achando o menino tão mole!

"Ah! Coração de mãe deve ter um sexto sentido", pensou o jovem médico. Tocando no garoto, notou que a febre era baixa, mas ele apresentava um aspecto toxêmico, que não era concordante com o nível de temperatura. Ao examinar o clientinho, notou que o pescoço estava inchado. Ordenou imediatamente:

— Quero uma colher: preciso examinar a garganta.

Enquanto o pai aproximava a luz da lamparina o médico conseguiu baixar a língua do menino e notou que havia edema da faringe e uma típica formação de pseudomembrana recobrindo as amígdalas. Pegou o estetoscópio e auscultou atentamente o coração. Não havia dúvidas: o quadro estava caracterizado. Aos

poucos, a feições do médico ficaram carregadas, assumindo uma atitude profissional. Esta mudança não passou despercebida pela mãe:

— O que houve doutor? O que meu filho tem?

— Difteria: o mesmo que crupe.

— É grave?

— Diria que sim. Talvez não fosse se tivesse nos chamado antes.

— O doutor entende, a gente é pobre e num quer incomodar. Há tratamento?

— Vou aplicar um soro antidiftérico, mas receio que não dará tempo de fazer efeito...

A mãe subitamente empalideceu, começava a compreender tudo! Com uma voz quase sumida, indagou hesitante:

— Então doutor... O Senhor acha... acha que meu filho não escapa?

Mauro não respondeu, mas seu silêncio disse tudo. Com os olhos úmidos, a mãe apelou para Dr. Marinho:

— E o doutor, o que acha?

— Deixe-me também ver o caso.

Quando o velho médico acabou de examinar a criança, ficou empertigado e falou com voz firme:

— O caso do Zequinha é grave: ele realmente tem difteria. Porém, discordo do colega: acho que vai ficar bom com o soro antidiftérico que vamos aplicar. Espero que amanhã esteja brincando com os irmãos.

De volta para casa, Mauro dirigia automaticamente o jipe sem dizer palavras. Numa clareira, parou o veículo e virou-se para o pai visivelmente irritado:

— Que há com você, meu pai?

— Nada e por quê?

— Aquele garoto está mal, dificilmente escapa. Auscultou o coração? Tudo indica que está com miocardite diftérica. As estatísticas mostram que 90% desses casos morrem.

— É verdade: tudo indica que o garoto vai morrer antes do amanhecer...

— Mas o senhor disse que eu estava errado e que ele ficaria bom dentro de algumas horas.

— Você viu como a mãe estava aflita? Relaxou depois que disse que Zequinha ia ficar bom.

— Mas, isto é contra a ética! O senhor não pode mentir para agradar uma mãe. — Mauro quase gritava.

Dr. Marinho ficou calado por um instante e voltou a falar com a maior calma do mundo:

— Não se irrite, filho. Você tem razão: o garoto tem miocardite diftérica e é duro dizer que vai morrer nas próximas horas. Fomos chamados tarde demais. A pobre mulher estava tão aflita que menti. Acho que não fiz tanto mal, pois dei para ela uma migalha de felicidade por algumas horas. E ela precisava tanto!...

Marinho cofiou seu basto bigode encanecido pelos anos e prosseguiu:

— Veja, filho: você é um médico novo, atualizado, conhece as novidades da Medicina e Cirurgia; sabe empregar cientificamente os antibióticos, entende dos distúrbios eletrolíticos e manuseia bem estes novos leites usados na Pediatria moderna. Enquanto isto, eu, nestes últimos trinta anos, ocupado com meus doentes, não pude estudar. Isolado do mundo, mumifiquei e o que vemos? Na clínica, ninguém quer se consultar com você, todos preferem ser atendidos pelo velho médico, só porque me conhecem há anos. Confiam em mim, sem saber que estou desatualizado na minha Medicina.

Marinho respirou fundo e continuou:

— Na verdade, disse aquela mentira para a mãe de propósito. Amanhã todos na cidade vão saber que errei e o jovem doutor foi firme no diagnóstico e prognóstico. Irão lhe procurar com mais freqüência e, com seu conhecimento atualizado, tenho certeza, lucrarão muito mais do que se estivessem sob meus cuidados.

Mauro sentiu um nó apertar na sua garganta e ainda ouviu o velho dizer com uma voz trêmula:

— Nós estaremos fazendo mais um grande favor a esta cidadezinha!

MR. SMITH, S'IL VOUS PLAIT

Ao voltar do estágio em Cardiologia em Paris, J. R. não perdia a oportunidade de gastar o seu francês.

— Bonjour, messieurs-dames!

— J. R., como é mesmo o nome do hospital que você trabalhou na França?

— L'Hôpital Laennec.

— Você viu aquele caso?

— Ah! Oui! C'est insuffisance mitrale!

— Tudo bem?

— Ça va!

— Até logo.

— À bientôt, merci!

O Congresso de Cardiologia estaba bastante movimentado e o grupo do Ceará viera em peso. As conferências abordavam temas palpitantes da atualidade e o Dr. Smith, Vice-Presidente da Internacional, apresentara interessante exposição sobre coronariografia e ponte de safena.

Finda a palestra, J. R., em companhia do Rinaldo, seu colega gaúcho, aproximou-se do famoso cardiologista para esclarecer umas dúvidas. Indagou com um inglês trôpego:

— Mr. Smith, please... I would like... Pardon, me: the coronariography... ai, meu Deus, como é que se diz isto?

Não tinha jeito, sei' inglês não dava! Aposto que, com o francês, as coisas seriam bem mais fáceis:

— S'il vous plait: est-ce que vous parlez le français?

Mr. Smith, apesar de viajar com freqüência para o estrangeiro, como bom americano, só falava a sua língua. Demonstrando surpresa ante a pergunta feita pelo médico cearense deu dois passos para trás e, com as mãos estendidas para f ente, tentou responder ao seu interlocutor:

— Français, non! English only... Seulement anglais! Pardon. Sorry.

Frustado ante a impossibilidade de se comunicar com o conferencista, J. R. olhou de lado e encontrou a solução do problema:

— Rinaldo, você fala francês e inglês, não é?

— Exatamente!

— Então vamos combinar: falo com você em francês e você pergunta a ele em inglês, ok.

— Tudo bem J. R., mas você não acharia melhor falar comigo mesmo em português?

De *Medicina Meu Amor* (1991)